

A Comunidade Cigana e a Saúde

Sara Raquel Pedrosa da Cunha *



Ciganos. E mais uma vez a minha raiz humana estremeceu. São eles que me dão sempre a medida absoluta da liberdade que não tenho e porque suspiro. Anarquistas em espírito e corpo, lembram-me príncipes do nada, milionários do desinteresse, sacerdotes da preguiça, ampuhetas obstinadas onde o tempo não se escoa.

Miguel Torga. In Diário.

Este pequeno artigo baseia-se numa actividade desenvolvida no sentido de conhecer os estilos de vida adoptados pelo povo cigano, compreender as atitudes e comportamentos de acordo com os seus valores e tradições e, por fim, identificar a forma como os aspectos culturais influenciam o conceito de saúde. Em suma, o objectivo geral é verificar a existência de preconceitos e estereótipos que afectam as minorias, de modo a alertar para a construção de uma sociedade melhor.

Introdução

Na unidade curricular de Projecto de Desenvolvimento Pessoal, no 1º ano do I Curso de Licenciatura em Enfermagem, surgiu o desafio para a realização de uma actividade experiencial, numa determinada área de interesse.

De entre as diferentes áreas de interesse optei pelos Preconceitos e Estereótipos que afectam as minorias (conceito de multiculturalidade: ciganos e imigrantes forçados), tendo-me centrado mais no povo cigano, por ser de facto o campo que mais me despertou curiosidade, pois na prática diária de Enfermagem deparamo-nos com dificuldades e

interrogações de vária ordem quando temos de cuidar do indivíduo/família de etnia cigana, pelo facto das diferenças entre os hábitos culturais, tais como a solidariedade na doença, na morte e o não comerem da alimentação hospitalar, criarem por vezes dificuldades de entendimento.

Na procura da qualidade dos cuidados de enfermagem, numa sociedade multicultural é essencial a capacidade dos profissionais responderem de forma flexível e adaptada às diferentes necessidades da comunidade.

Recorreu-se ao método da observação participante dos estilos de vida e do contexto em que cada minoria se insere e, a entrevista semi-directiva com registo de som a membros das diferentes comunidades, além da pesquisa bibliográfica acerca do tema.

* Aluna do I Curso de Licenciatura em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca.

A Origem do Povo Cigano

Os ciganos sempre se recusaram a adoptar uma forma de vida sedentária e convencional. Apesar das mudanças continuam a ser um povo possuidor de uma cultura e costumes que são alvo de incompreensão, conduzindo a preconceitos e estereótipos. Defendem denodadamente a sua identidade contra a persistente rejeição e as pressões da comunidade.

Mas qual a origem deste povo?

Os estudos acerca da sua origem têm-se mostrado muito controversos, pois encontram-se teorias válidas e consistentes, assim como se encontram teorias que recorrem ao fantástico das lendas ciganas.

As teorias que atribuem origens mais antigas aos ciganos, falam-nos de uma descendência directa de Caim, descrito no livro do Génesis como o fraticida de Abel que foi condenado por Deus a uma vida errante e perpétua. Ou ainda teorias em que os ciganos são provenientes do Egipto, sendo também designados por Egiptanos.

São os estudos que se baseiam na vivência, na fisiologia e na linguística desta comunidade, que fazem acreditar que os ciganos tiveram origem na Índia: nos anos quarenta descobriu-se que a população cigana da Europa apresentava uma frequência do gene B muito acima dos níveis europeus e muito semelhante ao povo indiano, o que podemos verificar na conversa com J.P. onde este referiu “distinguimo-nos por sangue”. Este refere também que “é através do dialecto (o Romani) que se relaciona a origem dos ciganos com a Índia, e também através do ritual de casamento que é muito parecido com o deles”.

Da origem indiana localizam-se duas grandes vagas de migrações ciganas: os ROM e os MANUCH que permanecem nómadas, enquanto que há a designação de Gitanos para referir os ciganos que se sedentarizaram em Espanha e Portugal.

Os Ciganos em Portugal

É também difícil perceber desde quando os ciganos circulam em território português. Julga-se que remonta ao século XVI ou mesmo ao Século XV. As primeiras e únicas referências na nossa literatura clássica estão contidas na “*Farsa das Ciganas*” de Gil Vicente, escrita e apresentada em Évora, onde a corte residia em 1521 e, onde se fez um retrato exaustivo dos costumes e cultura deste povo nómada, mas com carga perjurativa.

Já em 1526 houve um pedido apresentado pelas cortes de Évora que determinam a proibição de entrada em território português e de expulsão dos que por cá forem encontrados. Um processo de exclusão que não terminaria até aos dias de hoje, apesar da Constituição da República Portuguesa garantir que *ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideologias, instrução, situação económica ou condição social*⁽¹⁾.

Naturalmente, há uma resistência natural desta raça a um determinado número de leis, mas também não se conseguiu alterar a sua imagem de marginal, burlão e agressivo.

“*A História de Portugal está recheada de tentativas de neutralizar, ou melhor, de amestrar os ciganos que circulam ou se fixam no nosso país. Tentativas fracassadas, em minha opinião, porque nunca se valorizaram os aspectos da cultura própria desse povo sem pátria*” (ANTUNES, 1997, p.16).

É uma história de exclusão, disfarçada de uma preocupação de integração forçada, exclusão esta, que de umas vezes foi ilegal, mas de outras foi ao abrigo da lei, facto que é confirmado pelo V.M. quando recorda “*fui do tempo de Salazar em que tinha que estar 24 horas em cada terra e a GNR perseguia-nos. Nós não tínhamos direito a casa*”. Mas, segundo recorda também “*depois do 25 de Abril tudo mudou*”, no entanto a sociedade actual ainda tem atitudes semelhantes.

(1) Art. 13º, n.º 2 da Constituição da República Portuguesa.

A comunidade cigana em Coimbra, segundo a Associação Integrar, é constituída pelos indivíduos que residem efectivamente na cidade e, por aqueles que estão de passagem por um período de alguns meses até 1 ano, isto porque Coimbra tem dois pontos fulcrais: um hospital central (HUC) e um estabelecimento prisional.

A Cultura Cigana

A sua longa viagem pelo mundo fortaleceu costumes e tradições que deram origem a uma identidade própria e a uma cultura diferente de todos os povos que os viram passar. Apesar de muitos deles se terem sedentarizado, e da necessidade de se integrarem em terras estranhas e entre povos diferentes, não esqueceram essa cultura. Pelo contrário, pela necessidade de se protegerem contra a exclusão social de que foram alvo ao longo de séculos, fortaleceram e cultivaram os seus costumes como forma de preservarem a sua própria identidade e até a sua soberania.

Para um chefe cigano, o grande número de descendentes não é casual. Para além da tradição, a prole representa a sua força. A sua família é uma forma de autodefesa. O V.M. diz em tom de brincadeira: *“temos muitos netos (comem muito)”*.

A cultura cigana tem os seus ancestrais na venda de cavalos por um povo nómada, que evolui ao longo dos séculos para a sedentarização mas, continuando na venda, só que agora é de roupa e calçado.

A maior diferença, relativamente à organização social, entre a comunidade cigana e os não-ciganos é o facto de os primeiros prezarem a união familiar. *“Somos muito unidos”*, refere a J.M. e, é normal vermos os ciganos em grandes grupos, qualquer que seja a situação.

O papel de cada um dos membros da família baseia-se nos usos e costumes e nas necessidades experimentadas enquanto nómadas: ao pai, ou ao homem, cabe um papel de organização, autoridade e protecção contra o exterior. À mãe cabe o papel de providenciar o sustento da família e organizar a

vida familiar. O modo de sustentar a casa vai desde vender, pedir, ler a sina ou executar e comercializar peças de artesanato. Estas tarefas se executadas por homens tornar-se-iam desonrosas.

Como refere a Dr.^a S., assistente social: *“levantam-se cedo e vão para a feira, o homem cigano conduz a carrinha, e a mulher fica na barraca a vender enquanto os homens se reúnem a beber e a conversar. O homem cigano é machista e, a mulher é submissa, no entanto é ela que trabalha e dá as coordenadas do quotidiano”*.

Estes conceitos estão enraizados na sua cultura e são transmitidos para as gerações mais novas.

Os rapazes ciganos começam muito novos a ter mais liberdade que as raparigas e a terem autonomia para se ausentarem desde os 6 ou 7 anos, enquanto que a rapariga desde a mesma idade que começa a ter responsabilidades domésticas, sobretudo no tratamento dos irmãos mais novos e, às vezes mesmo na manutenção de toda a família.

À mãe cabe sempre o papel da manutenção dos filhos, a sua defesa na própria comunidade, mesmo os filhos adultos vêm na mãe a conselheira e, recorrem a ela para a resolução dos seus problemas, como nos confirmou a J.M. Este facto todos nós podemos observar, pois até mesmo quando as crianças são utilizadas nas actividades de mendicância, a mãe está sempre por perto ou, faz-se substituir por um irmão mais velho. A mãe cigana não confia os seus filhos a ninguém. Esta importância dos filhos está bem presente no baixo número de crianças colocadas em instituições de solidariedade social: *“Nunca ninguém viu um pai cigano a abandonar ou a violar uma criança: As crianças entre os ciganos são príncipes”*.

O peso afectivo e cultural da paternidade entre os ciganos é tão forte que é muito frequente os pais chegarem ao ponto de vedar ao seus filhos um futuro melhor se isso os obrigar a separarem-se deles.

Adelina Ramirez, no seu livro *Problemas da Mulher Cigana*, afirma que *“eles sentem um amor tão profundo pelos filhos que os impede, a maior parte das vezes, de permanecer separados deles”* (ANTUNES, 1997, p.33).

É no casamento que se consagra a união de duas famílias. A mulher ainda é um pouco discriminada, pois apesar de poder escolher o noivo, este deve ser preferencialmente de etnia cigana. No passado não era assim, pois eram os pais dos noivos que faziam o acordo.

Quanto à idade ideal para casar, nos rapazes é entre os 19 e os 22 anos e, nas raparigas entre os 17 e 18 anos, daí a impossibilidade de muitas mulheres ciganas na continuação dos estudos.

O primordial em qualquer casamento é a virgindade da noiva, pois se não for, já não pode haver casamento. É submetida a inspecção pelos padrinhos e por um grupo de mulheres. Segundo V.M. *“se por acaso engravidar antes do casamento, ele já não se realiza. Há sim um ajuntamento, isto é, já não há a tradicional festa”*.

Os casamentos ciganos são sempre grandes festas que podem durar entre 5 a 15 dias, ou mais, dependendo das possibilidades dos pais dos noivos. Os convidados são sempre em grande número e podem vir inclusivamente do estrangeiro.

Actualmente os noivos só casam se efectivamente quiserem, não há qualquer obrigação imposta pelos pais. Não há nenhuma cerimónia religiosa, visto que o povo cigano não tem uma religião definida, cada um é livre de seguir aquela com a qual mais se identifica. Por exemplo, a J.M. frequenta a IURD, enquanto que o seu genro é católico.

Quanto ao número de padrinhos é muito diferente do casamento entre não-ciganos, pois podem ser entre 7 a 10 padrinhos.

Os pais dos noivos oferecem além dos enxovais, ouro e carros, de acordo com as suas possibilidades. Depois do casamento, são livres para morarem onde quiserem, mas geralmente ficam com os pais do noivo.

Quanto à ementa do casamento, geralmente come-se carne guisada, mas segundo o que nos contou o V.M., o fundamental para um casamento ser bonito é a fartura de comida e de álcool.

O casal de noivos só é entendido como família quando começa a criar descendência, sendo mais um motivo da importância dos filhos.

Quanto à habitação, encontramos vários tipos dependendo das condições económicas ou do

estilo de vida das comunidades. Uma das senhoras de etnia cigana que entrevistámos disse-nos que *“tenho casa alugada. Tendões já não se usam”*. No entanto o contacto com a assistente social permitiu conhecer outra realidade, a daqueles ciganos que vivem em barracas, mas apesar da aparência exterior, são barracas com conforto razoável, limpeza e arrumação, o que é uma das características do povo cigano. No entanto, há também um outro caso, de famílias cujos membros são maioritariamente toxicodependentes e cuja situação habitacional se resume a uma sala e cozinha comum e a 6 quartos de construção precária e sem condições de habitabilidade.

E, como nos relatou um membro da Associação Integrar, é compreensível o facto de os cuidados de higiene pessoal serem relaxados em alguns ciganos, se tivermos em conta a inexistência de instalações sanitárias e a dificuldade que qualquer um de nós teria em tomar banho pelo método de despejo de um balde de água fria sobre a cabeça.

Um dos trabalhos desenvolvidos por esta associação é, exactamente o de conduzir as crianças ciganas com condições mais precárias aos balneários públicos de Coimbra, num horário mais alargado, onde podem efectivamente tomar um banho quente.

A educação das crianças parece um aspecto negligenciado, mas não é, pois as comunidades ciganas pretendem que os seus filhos prossigam os estudos, mas há entraves, como o facto da não adaptação à escola ou à professora, por diferenças culturais, pois é notória a diferença entre a experiência de vida de uma criança cigana e de uma criança citadina, o que conduz a uma forma diferente de ver a realidade exterior e, conseqüentemente conduz a uma certa dificuldade na apreensão dos conteúdos programáticos.

No caso das raparigas há outro problema, o casamento precoce que as impede de continuar os estudos, no entanto, a tradição já não é o que era e, as jovens tendem a casar-se cada vez mais tarde e a fazer um esforço para estudar, como nos foi dito: *“Tenho uma filha com 16 anos, que parou de estudar durante um tempo mas, agora quer estudar de noite”*.

Foi visível o orgulho que J.M. sentiu ao dizer : “*Em Lisboa há muitos ciganos com estudos. Temos um que é advogado, outro que é médico pediatra e, outro é gerente de banco*”.

Para a etnia cigana, o nascimento, como já foi dito, é uma alegria, segundo V.M., “*é a maior alegria de todas*”. Os partos são actualmente realizados no hospital. Algumas crianças cujas famílias têm mais possibilidades frequentam o jardim de infância. Por sua vez os idosos são encarados com muito respeito e educação e, não são colocados em lares de idosos, pois isso é visto pela comunidade como um acto de abandono.

Entre várias tradições e costumes do povo cigano, a mais enraizada é a maneira de estar perante a doença e a morte. Quando alguém está doente, toda a comunidade cigana da localidade ou da região sente uma grande tristeza e une-se à dor dos seus familiares.

Quando morre um cigano, o choque é grande e o desgosto é profundo. No funeral a dor é exteriorizada de uma forma dramática e exuberante, com gritos, lamentos e cânticos chorados.

O cuidado em honrar o morto deriva de uma forte crença em que o espírito do morto continua a existir. De tal modo que qualquer pedido do defunto é cumprido, pois este se não estiver satisfeito com as honras prestadas, pelo não cumprimento das obrigações de parentesco, pode voltar, provocando situações incómodas e até prejudiciais, através de doenças, sonhos e visões. Um pouco por isto, o cigano não se poupa a despesas para o funeral. Este é realizado conforme a religião que o defunto praticava.

Em respeito aos familiares do defunto, os vizinhos não ligam nenhum aparelho de rádio ou televisão. Os casamentos, baptizados ficam adiados para outra época, ou então, realizam-se longe da casa enlutada.

A viúva ou o viúvo mantém luto rigoroso durante anos, os homens deixam crescer a barba e o cabelo e, usam chapéu. As viúvas cortam o cabelo e põem lenço na cabeça. Antigamente não podiam tomar banho.

Era uma regra rígida a viúva não voltar a casar. Hoje se o fizer ainda é um pouco marginalizada.

No entanto o viúvo pode casar passados alguns anos da morte da mulher. O ritual de morte e do luto é bastante vivido neste povo.

Toda esta cultura e tradições são um pouco condicionadas pelo estilo de vida e condições económicas, no entanto e, como diz a J.M. “*as tradições já se estão a perder*”, talvez devido às pressões da sociedade não-cigana.

Preconceitos e Estereótipos

Embora 72% dos portugueses assegure não ser racista ou preconceituoso, apenas 42% não se importaria que o filho ou filha casasse com um cigano, a etnia mais discriminada no nosso país (Fonte: SOS Racismo, 1996).

A imagem dos ciganos junto da população é pior que a dos negros. Existe a ideia de que enquanto os negros estão cá para trabalhar e, mal ou bem, adaptam-se ao nosso modo de vida, com os ciganos já não acontece assim. As pessoas acham que eles não trabalham e atribuem-lhes facetas negativas: são violentos, sujos, traficam droga... Vejamos alguns termos que derivam da palavra cigano, extraídos dos nossos dicionários:

Cigana, *s.f.* feminino de cigano; mulher de cigano; brinco de orelha de um só pingente; (pop) mulher mesquinha.

Ciganagem, *s.f.* multidão de ciganos; acto de ciganos; trapaça; ciganice; ciganaria.

Ciganice, *s.f.* trapaça em compras e vendas; traficância; pedinchice.

Cigano, *s.m.* indivíduo de raça dos ciganos; adj. trapaceiro; ladino; traficante de mercadorias subtraídas aos direitos; (pop) avaro; impostor.

Se acrescentarmos a estas definições alguns ditados populares, como “*Um olho no burro e outro no cigano*”, e os medos incutidos às crianças quando estas não querem comer, e que põem em paralelo a *figura do cigano, do papão ou do homem do saco*, verificamos que os ciganos têm sido alvo de preconceitos, de tal modo que a ideia de que os ciganos não são de confiança é muito difícil de ultrapassar.

No entanto, há também receios fundados, de manifestações de marginalidade e violência, no entanto estes casos por menores que sejam em número, são rapidamente generalizados. Como referiu V.M.: *“Um cigano quando faz mal afecta todos”*, aumentando o preconceito contra a comunidade.

No caso dos ciganos, como noutra qualquer comunidade, a falta de recursos e a pobreza, tal como a falta de inserção ou mesmo a rejeição podem conduzir à marginalidade. E assim temos muitos casos de ciganos marginais e delinquentes. No entanto não podemos tomar o todo pelas partes. O facto de haver ciganos delinquentes não significa que todos eles sejam delinquentes. Como disse J.M. *“há ciganos e ciganos”* e é verdade que muitas famílias ciganas, como nos relatou a Dr.^a S., vivem exclusivamente do tráfico e consumo de droga.

O problema da droga está a destruir a unidade do grupo cigano, *“eu sou contra a droga, ela está a destruir a humanidade... Nós também fugimos a alguns ciganos, porque há ciganos que não nos interessam, pelo estilo de vida que levam”*, desabafou J.M..

No entanto, mesmo antes de se relacionar o cigano com droga, já haviam preconceitos e exclusões. Um dos casos flagrantes é a exclusão escolar. O J.G. diz emocionado: *“Eu tenho um filho que na primeira classe foi marginalizado pela professora que o colocava a um canto só por ele ser cigano. A criança ficou traumatizada e tem tido dificuldades por causa disso”*.

Coloco a questão, como conseguimos ser tão cruéis?

Apesar desta situação estar a mudar, há ainda a necessidade de desmistificar os estereótipos que se foram acumulando sobre a etnia cigana, para não acontecer, o que aconteceu a uma das filhas do V.M. quando lhe foi recusado um emprego só por ser cigana.

É necessário assumir uma luta contra a discriminação étnica dos ciganos e é para isso que agem muitos assistentes sociais e muitas associações de solidariedade social.

Os ciganos como povo nómada que são, procuram os locais onde sofram menos discriminação e, é por isso que encontramos uma boa parte dos ciganos portugueses no Alentejo, pois é lá que

podem dar largas ao seu espírito de liberdade, sem que alguém os hostilize ou persiga. Os seus filhos frequentam a escola sem serem marginalizados ou excluídos e, recebem apoios das autarquias que os tentam integrar.

No entanto, nem todos os ciganos lá estão e, por isso muitos deles continuam a sofrer no dia-a-dia o peso da discriminação por serem de uma raça, de cultura e tradições tão nobres.

Eles só pedem para pararmos com a discriminação!!!

E no Hospital, será que há preconceitos e estereótipos?

Os indivíduos de etnia cigana com os quais contactámos disseram-nos que não. Têm até muitas histórias para contar acerca do modo como foram bem integrados no hospital. No entanto um enfermeiro-chefe de um serviço dos HUC disse-nos que *“na realidade o estereótipo existe”*. Não nos podemos esquecer que há ciganos e ciganos, mas segundo nos foi referido, a grande maioria dos indivíduos de etnia cigana *“são renitentes a qualquer tratamento”*, têm dificuldade em aceitar as regras e as visitas são geralmente perturbadoras (*“os ciganos alapavam-se nos quartos”*, como nos disse outro enfermeiro-chefe dos HUC). No entanto os profissionais têm consciência que depende de cigano para cigano, depende da sua integração na sociedade.

Quanto aos profissionais têm um certo receio, principalmente com as visitas. É notória a dificuldade de um cigano em relacionar-se com um doente não cigano e, vice-versa, devido às enormes distâncias culturais, que se manifestam nos mais diversos comportamentos, como por exemplo, no facto de os familiares do doente constituírem acampamentos nas imediações do hospital, numa tentativa de se aproximarem o mais possível do doente para lhe darem o máximo de apoio, pois o internamento no hospital fá-los realmente sofrer, pois corta com a vida que amam, com o mundo da família cigana em que se reconhecem.

O cigano geralmente não vai ao centro de saúde, pelo facto de ter que marcar consulta, dirigindo-se imediatamente à urgência do hospital, por uma simples gripe (como nos referiu a Dr.^a S.). Aqui, pelo seu temperamento impaciente exige ser atendido o mais rapidamente possível, podendo mesmo em casos extremos, usar da violência.

“O hospital permite-lhes resolver mais rapidamente os problemas de saúde, mas também os problemas sociais, pois é uma forma de eles arranjarem mais rapidamente uma casita”, como nos confidenciou um enfermeiro-chefe dos HUC.

Perante todos estes condicionalismos culturais, julgo que os técnicos de saúde deveriam tentar conhecer e compreender melhor esta cultura, de modo a melhor poder ajudar. O enfermeiro deverá ver o cigano como um ser que não pode ser dissociado da sua bagagem cultural, devendo-se respeitar os seus valores, as suas escolhas e prioridades, mas sem nunca afectar os outros doentes não-ciganos e, sem desrespeitar as regras da instituição.

Para esta abertura de mentalidades tem sido muito importante o papel de inúmeras instituições de solidariedade, como a Associação Integrar.

Esta Associação é recente, foi criada em 20 de Abril de 1994, sendo um Instituição Particular de Solidariedade Social, com sede em Coimbra.

Promove actividades de apoio a populações desfavorecidas, sobretudo crianças e jovens em risco, delinquentes e ex-delinquentes, bem como actividades culturais, recreativas, desportivas e de solidariedade social.

Dispõe nos seus corpos sociais, de pessoas com habilitações e interesses na área da intervenção/apoio social, como psicólogos, assistentes sociais e animadores.

É uma associação que pretende ser resposta, aglutinadora de outras participações e contributos da comunidade, face à necessidade de fomentar melhores condições de integração social e de desenvolvimento pessoal.

A associação Integrar não fornece dinheiro às pessoas com quem contacta, tem sim acordos e protocolos com diferentes órgãos e instituições de modo a melhor poder ajudar quem precisa.

Foi através do projecto «Trabalho com crianças e jovens na rua» que esta associação tomou contacto com as crianças de etnia cigana. Este projecto tem como principal alvo todas as crianças e jovens em situação de risco social, desprovidos de meio familiar, vítimas de maus tratos e abandono e que passam o dia na rua em situação de mendicidade, tendo como objectivo encontrar outras alternativas, como a integração familiar e a diminuição do número de crianças que vagueiam pelas ruas.

Contactando com as crianças ciganas que mendigavam nas ruas de Coimbra foi possível conhecer os seus pais e intervir no sentido de melhorar as suas condições de saúde através de vacinações e também desparasitações, e permitir uma melhor integração ao nível escolar, de modo a retirar as crianças das ruas.

Conclusão

“A reinserção social do cigano não pode exigir que ele deixe de se sentir cigano. Deverá, isso sim, reforçar o seu sentido de cidadania, isto é, ele deverá ser um cidadão português, de etnia cigana, assumindo a sua cultura com orgulho e aceitando as diferenças culturais e as obrigações de todos os cidadãos frente ao estado e à sociedade”.

(ANTUNES, 1997, p.44).

Este projecto experiencial permitiu uma experiência nunca tida e que se revelou muito rica e frutífera pelo enriquecimento pessoal que me proporcionou.

O contacto com a comunidade cigana permitiu-me conhecer outras pessoas e outra realidade que desconhecia e, perceber o quanto nós os fazemos sofrer com tantos preconceitos. Posso dizer que quanto mais os ia conhecendo, mais os ia admirando.

Vou terminar com uma frase de Augus Fraser em *“História do povo cigano”* (p.7): *“A sua maior proeza foi terem conseguido sobreviver.”*

Bibliografia

ANTUNES, Adelino – *Os Príncipes do nada*. Coimbra. Edição da Associação Integrar. Maio de 1997. ISBN 972-97361-0-3.

CARVALHO, António Maria Romeiro – Cultura Portuguesa e (in)tolerância. *O Professor* - Lisboa - ISSN 0870-841X - S. III, n.º65 (Maio/Junho 1999), p.27-32.

FERREIRA, Anabela – De puro sangue. *Revista Quo*. Lisboa. N.º38 (Nov.1998), p.46-55.

FONSECA, Vitor da – Exclusão escolar como processo de exclusão social: algumas reflexões sociológicas sobre as

dificuldades de aprendizagem. *Infância e Juventude* - Lisboa - ISSN 0870-6565. N.º3 (1999), p.71-88.

FRAGATA, Carla – Porque somos solidários?. *Revista Quo*. Lisboa. N.º 49 (Out.1999), p.28-36.

FRASER, Augus – *História do povo cigano*. Editora Teorema, 1997. ISBN972-695-311-1.

FRETAULT, Serge – Un infirmier chez les tsiganes. *Soins* - Paris. ISSN 0038-0814. N.º637 (Juillet/Aout 1999), p.28-31.

MATOS, Elisabete Jesus – Doença, morte e luto na etnia cigana: uma questão para a enfermagem. *Sinais Vitais*. Coimbra - ISSN 0872-8844. N.º22 (Janeiro 1999), p.48-50.

ROBALO, Mário – Fado cigano. *Revista Expresso*. N.º1267 (8/Fev/1997), p.22-31.